

# Q PACAJÁ

JORNAL LITTERARIO, RECREATIVO E MUCIOMI

REDACTOR — JUVITA DUARTE SILVA.

ANNO I.

DOMINGOS DE AGOSTO DE 1862.

N. 13.

## A ESPIA

ou

## O SEGREDO DOS CARBONARIOS.

SECRETOS DOS CARBONARIOS

por

FREDERIC SQUILLIE

(Continuação)

—Na verdade, sir Henri, lhe disse a marquezza entendendo-lhe a mão, que elle apertou com a familiaridade de hum amigo, esta noite não estais de bom gosto; entras no meu camarote arrebitado sem me cortejar, e para me fallar com entousiasmo da belleza de humo mulher, esquecendo-vos que estou aqui, e que posso tambem querer parecer bella!

—De vos pensa-se isso, mas não se diz, respondeu seriamente sir Henri: o vosso destino he ser um anjo, e não ser bella; em vez de que esta mulher, continuou jovialmente, não a conheço; mas certamente a sua vida he ser bella, he a sua ambição, o seu fim, o seu direito. Faz estado de ser bella: sua belleza a divide e occupa; e serve-se della, he a sua conversação, o seu espirito, o seu poder: affaga-a, he seu escravo; busca-lhe homenagens: terá as mihas.

O marquez tinha deixado o jornal, e escutava sir Henri, sorrindo-se.

—Tendes julgado bem a condessa; e estais como ella entende os honras; mas com taes disposições ella vos levará longo.

—Não vos inquietais do casamento, que andaremos juntos; somente fazei-me chegar até ella. Não me obrigais a buscar humo apresentação banal; vejantais; viade; estou certo que vós espera.

—Todo, menos isso que me pedis, disse Faviani: não quero ver, nem receber a condessa: não darei hum passo que podesse authorisa-la a visitar-nos, e a ter talvez mais tarde relações que me desagradariao.

—Oh! eu vos peço, disse logo a marquezza, apresentai sir Henri a esta encantadora mulher! Ella já o fez inteiramente amavel. Vede como esta noite elle he todo fogo; fúria, exalta-se, italianisasse; amaahá fará loucuras. Serai sua confidente, e será nmi divertido.

—Faviani, respondeu Faviani com seriedade, nenhuma relação com esta mulher nos convém, por mais remota que seja.

Sir Henri não insistiu vindo o tom decidido de Faviani: somente se pôz na frente do camarote para a seu gosto poder admirar a divina italiana. O marquez continuou a ler, e Faviana ficou pensativa. Humo pequena paucada foi dada á porta do camarote, e hum maninho napolitano da intimidade de Faviani se apresentou nelle. Depois de ter cortejado a marquezza, disse a seu marido:

—Perdoai-me se vos perturbo, mas venho na qualidade de embaixador.

Sir Henri se voltou, e Faviana escutou com attenção.

—A condessa de Padua recebeu para vós em Napoles muitos recados e cumprimentos, desejará dar-vos-lis, e vos espera no seu camarote.

—Oh! eu a acompanhio, disse logo sir Henri, levantando-se.

—Oh! eu não irei, disse vivamente o marquez.

Todos parecerão surprehendidos desta repulsa impolitica, mas Faviani continuou, animando-se em quanto fallava: —E se devo dizer-vos os motivos, não he sem leviandade, nem sua reputação que me embarcaão; mas humo confegio prohibido de que ella não he estranha ás desgracas de nosso país, e ás trações que perdrão nossa causa.

—Que idem! exclamou o napolitano: a condessa de Padua, que só se chamava a louca Octavia, quando a não chamavaão a boia Octavia?

—Não deixa os salões do embaixado d'Austria, disse Faviani.

—He parenta do embaixador, e sua intervenção mais de humo vez tem sido útil a alguns de nos, que obtiverão, graças a ella, voltar a Napoles.

—Sim que intogo por todos e para todos, respondeu Faviani.

O maninho napolitano se levantou a esta ultima resposta, abriu a porta do camarote, e cortejou o marquez, dizendo-lhe:

—Vejo que he impossivel combater impressão tão prohibida como a vossa; deixo-vos: dadi á condessa o pouco successo de minha embaixada.

—Esperai, disse Faviana com vivacidade, he adquirido por gasto humo inimigo poderosa.

—Com esse titulo, como com qualquer outro, despesa a condessa, disse Faviani em voz alta. Podeis dizer-lhe o que quizerdes.

A estas palavras sir Henri estremeceu, porque acabava de ver, por entre a porta meio aberta, Octavia passeando pelo braço de hum diplomata austriaco, e que talvez tinha ouvido Faviani; apressou-se em suspender o napolitano.

—Fizéi antes a essa bella das bellas, disse com vivacidade que o capitão Henri de Lawton, amigo do marquez de Faviani, deseji apresentar-lhe suas homenagens. Depois acrescentou baixo a Faviana: —Arranjai tudo isto.

—Então, disse o napolitano que o ouvira, vindo já: he humo missio que vos confio com prazer, porque confesso que me acho embaraçado.

Ambos subindo do camarote, e se apresentaro no da condessa, onde esta já tinha entrado. Acabado o espectáculo estava ella no peristilo da opera, esperava a sua carriage, e conversava com sir Henri. Amontoava-se em roda della, e entre os murmurios que corrao em hum circulo de elegantes, podia ella ouvir as homenagens que se faziao a

sua brilha. He repente liam de seus admiradores, mais entusiasmados que os outros:—dis-e alto, dirigindo-se a hum moço immovel ao pé da escada:

—A mãe, meu caro, a senhora mais bella desta noite.

Aquella a quem elle fallava respondia, sem se mover:

—A mãe he lá senhora da noite... ri-la nu.

E apontou para huma mulher que descia a escada. Tintos os olhos, lá nadas por estas palavras, ella não vos alto se tirava de Ortavia e se dirigia para esta nova belleza; em travillo pelo braço de seu marido. Houve logo tanta attenção para elle, que só sin Henri reparou no olhar irritado da condessa, e no expresso cruel que passou por seu rosto.

Esta pequena aventura não teve consequencia alguma; tratou-se, com tudo, della, entre os refugiados italianos, e a maior parte, sobretudo os mais ricos e louvados a Kaviani o que tinha leido. Km pouco se não fallou mais disto, e nada parecia tmoso devar lembrado quando o mais simples acaso trouxe novo encontro; não foi hum dessas acontecimentos singulares que sempre são estranhamente duas pessoas que devem nota-lo e admirar-se, não foi huma dessas circumstancias surprehendedoras que lanceo liam ar do predesenhado na vida de cofos entes, foi huma dessas mil cousas que acontecem todos os dias, e um que nianiem repare nellas, e que só se tomão depois importantes, porque dellas salta mais do que se podia esperar. (continua)

## SYMPATHIA

PAGINAS ROMANTICAS.

(Conclusão)

Este discurso, muito pouco claro, deixou Kohler em grande perplexidade.

—Senhor, continuou com esforço seu interlocutor, melhor é acabar com uma palavra a difficultade: amo vossa filha.

—Mas vos não a conheceis.

Heitor contou-lhe então o que se havia passado, e qual era o estado de seu coração antes de ter visto o retrato de Virgínia, e como ficára possuido de amor só por vê-lo.

Kohler o ouvia, e applicando a sua filha tudo que Heitor lhe dizia de si mesmo, comprehendia emfim o coração daquelle. Heitor não se esqueceu de dizer quem era, e de mencionar o estado de sua fortuna; pois sabia muito bem que fallava a um negociante. Finalmente Kohler tomou a palavra e disse:

—Senhor, aprecio vossa franqueza, e desculpo o que ha de irreflectido em vosso procedimento em favor do sentimento que

faz commetter tantas loucuras. Podeis apresentar-vos em minha casa amanhã, e se minha filha consentir, nada se opporá a que sejas seu esposo.

Não procurarei pintar (quando um romance começa assim, devem-se esperar duas ou tres paginas empregadas em não pintar) os transportes do feliz Heitor; nem que noite passou, nem, nem... &c. Fallamos da entrevista dos amantes.

Kohler quando entrou em casa, disse a sua filha que um francez muito amavel tinha chegado na vespera a Pondichey, e que lho apresentaria no outro dia.

—Um francez! disse ella.

Este nome lhe agradava, mas ella que ria alguma coisa mais... O prudente Kohler, para não perturbar o somno de sua filha, não quiz dizer-lhe mais senão no outro dia quando lhe declarou a hora em que o francez devia vir.

—Seu nome? perguntou Virgínia.

—Tu já o sabes... é um poeta.

—Um poeta?

—M. Heitor Lecomte.

—Ah!

Foi tudo que ella respondeu, mas este « Ah! » valia um dithyrambo; era uma explosão do coração que revelava o passado. Ella tornou a si entantanto, porque approximava-se o momento em que Heitor devia vir. Passou-se uma hora, e um criado veio annunciar M. Heitor Lecomte.

Virgínia levantou-se, Kohler foi ao encontro de seu hospede, e pegando-lhe na mão apresentou-o a sua filha. Os dois amantes olharam-se mutuamente, contemplaram-se; e ficaram por um momento sepultados em extase. A realidade estava acima dos sonhos: finalmente Kohler rompeu este mudo entretenimento de suas almas, batendo no hombro de Heitor, e dizendo-lhe: « Bem vindo sejas! » Elle não respondeu, mas sorriu-se para Virgínia, que correspondeu com um sorriso celeste.

Que mais acrescentarei?

Casaram-se.—Porque será o tumulto de nossas illusões o sonho supremo das cores que se adoram?—Para elles entretanto o casamento teve encantos desconhecidos. Foram para Paris, patria de eleição;

ahi se estabeleceram, e deram nascimento a filhos bellos como os anjos. Isto durou tres annos.

Leitores, porque não acaba aqui esta historia? Por que deve a illusão ganhar a causa contra a realidade? Porque razão deve este bello sonho de uma sympathia mutua entre dois entes unicos no mundo ser destruido pelo facto que me resta a revelar-vos? Porque, ah! porque razão a vida não é tecida pela imaginação dos poetas?

Esse facto é simples e triste em sua realidade.

No fim destes tres annos, quero dizer no fim do anno de 1837, morreu Heitor Lecomte. Fazeis idéa da dor de sua mulher; quasi enlouqueceu; queria morrer tambem! Que lhe restava na terra? Ella perdia sua alma! Dor sincera, desesperação verdadeira, que fazia partir o coração. Ah! dois corações nascidos um para o outro separaram-se para sempre! Para sempre! — Não dizia Virgínia, eu irei reunir-me comtigo no céu, a dor gastará prontamente esta vida que não posso suportar sem ti.

A gente prudente dizia: « Ella acabará por se consolar; mas lerará tempo, e ella andará de luto toda a sua vida. »

Seis mezes se passaram, e a dor dura ainda se attenua. No fim do anno, a joven viuva ia melhor com seus pezares, e era menos rigoroso seu luto. Algumas pessoas disseram em segredo que um moço muito bonito tinha feito impressão em seu coração; mas ninguém o acreditou. Entretanto, tinha acabado o decimo terceiro mez, e já não havia o menor vestigio de luto no trajar de Mme. Lecomte. No fim do decimo quarto circularam boatos de casamento começou-se a acreditar que havia alguma cousa; finalmente, no mez de março de 1839, fallava-se delle publicamente; e acabo de saber, oh! leitor, que Mme. Heitor Lecomte, viuva de 24 annos e bonita, contrahiu segundas nupcias nos primeiros dias de abril.

Tanto é verdade que as sympathias unicas não existem neste mundo de imperfeições.

(Traduzido do Magasin) Goro.

## A pobreza.

Vós, ó pobres, que soffreis fome, frio, despezos, guardai-vos de murmurar, de renunciar ao titulo glorioso dos amados do Senhor, tendo inveja da ventura apparente do rico. A menor coisa para vos um prazer, e os prazeres mais vivos nada são para o homem opulento, que enfastiado de tudo, sentado diante d'uma mesa sumptuosamente guardada de manjares, tem inveja do ap. elle e alegria que dão mór sabor ao pão do pobre. Deus é justo, e reparte com os grandes do mundo as honras e os cuidados, e com os pobres virtuosos trabalhos e a paz d'alma.

Augmenta-se todos os dias o luxo; prova evidente de que o homem tendo em pouco a dignidade de o ser, trata de esconder debaixo d'um esplendor, que não é seu, a nudez de sua alma; sim, que elle a despojou da nobreza que lhe hantia taes dons, quando a creou, por sua incredulidade, insensatez! Tende de vós mesmos. Levantai uma ponta do véo que vos esconde o futuro; que é o que vedes por detras dos ricos ornatos de vossos salões, do luxo de vossas custosas galas, da elegancia de vossas equipagens?

Um jazigo, uma mortalla, ea podridão do corpo de que tanto cuidado tinheis.

E vossas riquezas, que é feito d'ellas?

Param em poder de ingratos herdeiros, que apenas conservam de vós a lembrança.

Miseraveis riquezas, de que servis, se não nos podcis resgatar nem da morte, nem do olvido? Portanto, vós pobres, não maldigais de vossa vida, aprendei a resistir com valor á força do costume. Que verdadeira grandeza seria os conservar de um homem simples no meio da alluvão de todas as vaidades! Pedi ao Senhor vos alcance a graça do caminhar, ainda que só, na via traçada pelo Evangelho deixando dos que forem cegos a estrada larga e facil que vai for a eterna dor, e a eternos pezares.

Besterro 62.

## Saia balão.

( Estanhado )

Houve já um marido que julgou ser a saia balão motivo de divórcio, e mal procurar um letrado, alcançou delle o seguinte libello:

«Por libello eriuac accusatorio diz o marido desconcente, contra a saia balão de sua mulher, nesta ou melhor forma da de-  
cencia.

E. S. N. F.

1. ° -- Provará que a mulher do autor usa de tanta roda na saia que, quando ella se veste, ninguem mais cabe em casa, ou tem de andar mettido pelos cantos, o que é contrario ás regalias do poder material e a dignidade do chefe da familia.

2. ° -- Provará que o autor está prohibido de acompanhar sua mulher, porque a immensa roda do vestido não consente que elle lhe possa dar o braço, e nem tão pouco pode ir ao lado della, porque os arcos da saia lhe vão bater nas canellas, onde tem algumas estras.

3. ° -- Provará que o autor recceia que uma mulher delgadinha, mettida em tanto panno, com tanto arame, sendo, como é, de cabeça leve, lhe vá pelos ares cabir em algum telhado.

4. ° -- Provará finalmente, que o autor não está para viver com uma mulher que anda por arames.

Nestes termos, pede-se a condemnação da ré no grão maximo do artigo que se julga mais conveniente.

## POESIAS.

### Porque ?

Sósinha á janella, que linda tu estavas,  
E a lua fitavas com timido olhar,  
C'os olhos immovais, quão brando teu riso  
Eu vi indeciso em teus labios pousar.

Que linda que estavas!  
Que estrela fitavas  
No largo horizonte ?

Que nuvem foi essa,  
Que nuvem espessa  
Pousou-te na fronte ?

Eu vi o teu rosto contente expandir-se...  
Mas logo sumir-se teu riso de amor...  
Que foi, ó donzella ? que foi que sentiste ?  
Porque te cobriste de extremo pallor ?

Porque por tristeza  
Mudaste a belleza,  
Que tinhas na fronte ?  
Que nuvem foi essa,  
Que nuvem espessa  
Passou no horizonte ?

Acaso tu viste na aerea paragem  
Passar minha imagem sorrindo p'ra ti ?  
Julgaste meus versos impuros, mentidos  
C'o vento perdidos, deixados por mi ?

A nuvem espessa,  
Que vaga atravessa  
No espaço do céu,  
Tu bem a conheces,  
Por isso entristeces,  
Donzella, -- sou eu. --- N.

### A minha J....

E's alva como um jasmim,  
E's tão linda como a rosa;  
E's um anjo... e como elles,  
E's em tudo primorosa !

A belleza de teu rosto  
Seduzio meu coração;  
O teu olhar meigo e terno,  
Me infundio grande paixão.

O teu collo delicado,  
O teu porte magestoso,  
Tuas graças, teus encantos...  
Tudo contemplo gostoso.

Cativando-me esses dons  
Com que dotou-te a natureza,  
Sendo eu por ti amado  
Farias minha ventura.

Sem hesitar um momento,  
Declarci-te o meu amor !  
E ouxi dos labios teus  
Um Sim cheio de amor.

Laguna. Z. O. R.

Typographia Catharinesse  
de Germano Antonio Maria Avulim, Rua Augusta  
N. 23. -- 1862.